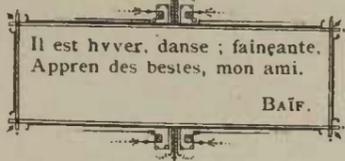


CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) 48\$000
 SEMESTRE (26) 25\$000
 AVULSO 1\$000
 NUMEROS ATRAZADOS 1\$500

Escriptorio, Rua Ouvidor 115



A CIGARRA

Redacção de *Olavo Bilac*,

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Proprietario — *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 23 de Maio de 1895.

N. 3

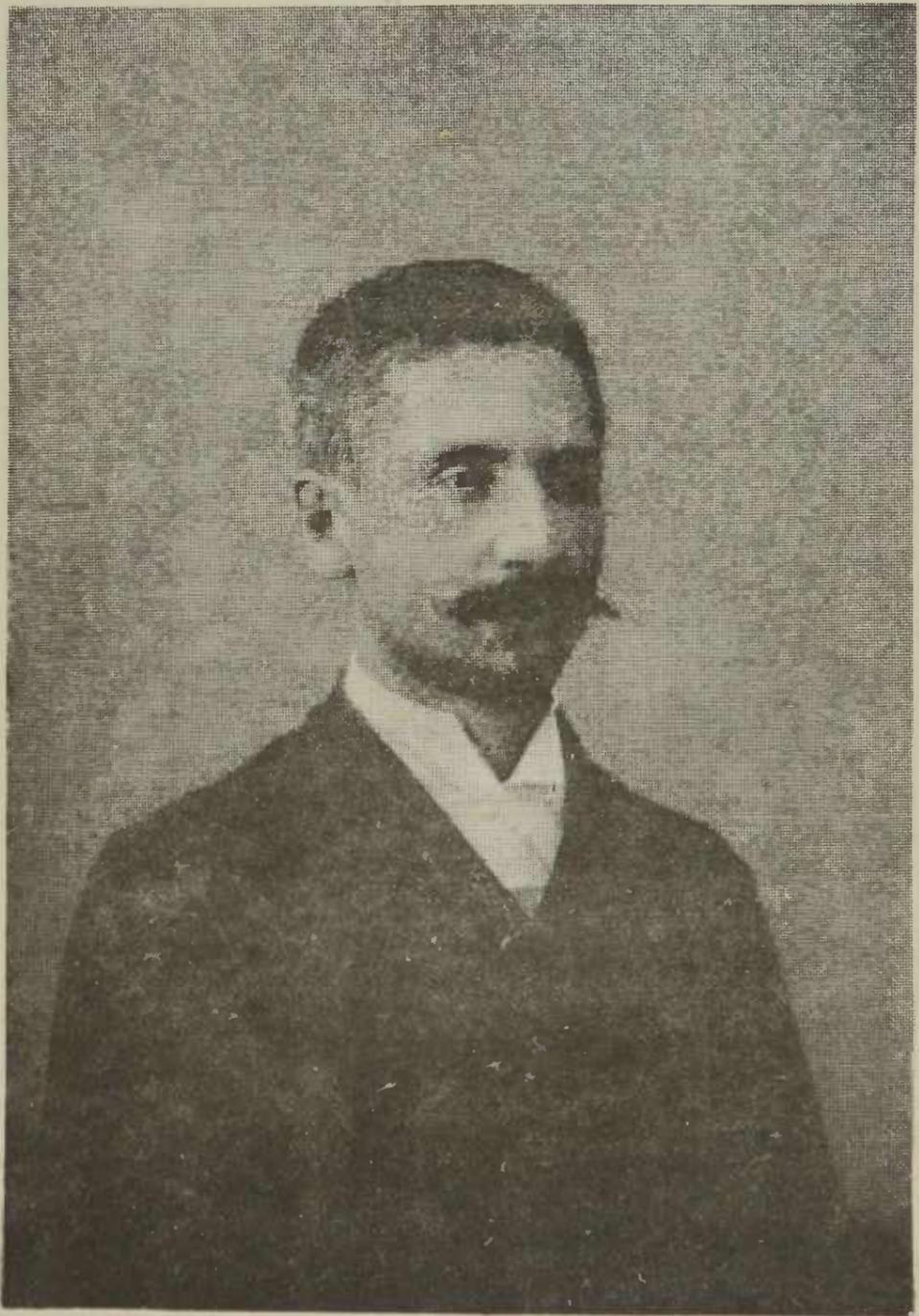
A CIGARRA

PARA oficialmente reatar em Lisboa as relações diplomaticas do Brasil e Portugal, em boa hora o governo da Republica escolheu um brasileiro, em torno de cujo nome se pudessem reunir todas as sympathias. O Dr. Assis Brasil representa dignamente o Brasil-moço, o Brasil-republicano, no que elle tem de mais puro.

No tempo da monarchia, a palavra e a penna do joven diplomata, ao serviço de um talento fecundo e de um character sem jaça, deram á propaganda um contingente notavel de esforços e de dedicações.

A sua politica não foi nunca uma mistura de enthusiasmos irreflectidos, de palavras ôcas e de ambições disfarçadas. Venceu pelo estudo e pelo trabalho, como pensador, como homem de letras, publicando livros enquanto muitos se desmanchavam em banalidades historicas, e mantendo uma coherencia, rara nestes tempos, entre o que pregava e o que praticava.

Portugal acaba de recebê-lo com enthusiasticas manifestações de estima: é que mesmo entre os homens de letras na nação irmã já o nome de Assis Brasil era conhecido e admirado, muito antes de n'elle ter querido o nosso governo incarnar o proprio nome e a propria honra da Republica Brasileira. Publicando o seu retrato justamente na occasião em que o Rio de Janeiro recebe com saudações o ministro de Portugal, — *A Cigarra* presta homenagem ao alto merito do illustre brasileiro.



O DR. ASSIS BRAZIL

Ministro e enviado extraordinario da Republica Brasileira em Portugal



Bemaventurados os ignorantes, porque d'elles serão as felicidades da terra!

E só lhes prometto essas, porque já a Santa Madre Igreja lhes assegurou, com palavras que não voltam atrás, a posse futura das outras, as do céu, as da convivencia com o Senhor Deus, as que sómente se alcançam quando a alma, livre do estado de sitio da vida, começa a fruir as delicias e as garantias da amnistia da morte.

Ah! ignorar tudo! ser como o caramujo, que, — enquanto as tormentas da existencia se desencadeiam e estrondam sobre a sua fragil carapaça, — fecha-se dentro d'ella, com uma indiferença de deus, e dorme feliz, alheio de tudo, no seio da sua innocencia e da sua suprema ignorancia!

Imaginae que acabam os meus olhos de cair sobre esta pequena e suggestiva noticia: « Segundo um jornal inglez, ha muitos milhões de chinezes que ainda não sabem que uma guerra cruenta se deu entre a China e o Japão. » ... Imaginae commigo a felicidade d'esses milhões de homens amarells, mettidos no centro da Asia, entregues pacificamente ao trato dos arrozaes, com o corpo exclusivamente dado ás tadigas da lavoura e a alma dada exclusivamente á meditação das palavras de Coniucio, vivendo na absoluta ignorancia das cousas do Occidente, mergulhados na contemplação de grandes idolos extravagantes, não cogitando do que, pelo resto da face da terra, fazem homens de sobrecasaca e chapéo alto, e senhoras enluvasadas, e soldados municidados, e poetas arrebeatados, e politicos loquazes, e chronicistas de figado impertinente... No littoral, o Pavor andou, de cidade em cidade, de porto em porto, marchando á frente dos batalhões e das frotas de guerra do Mikado. Soldados chinezes, — tal era o medo que os avassalava diante do inimigo, — degolavam-se. O Imperador da China, n'um accesso de furia, encolerisado pelas victorias do Japão, esbofeteou a Imperatriz; e a Imperatriz acabrunhada pela dura affronta d'essa tapona conjugal, suicidou-se; os mandarins, com os rabichos arrepiados de susto, davam a alma e a sabedoria ao diabo; os cruzadores chinezes, despedaçados a avalanches de metralha, iam para o fundo do mar; a figura de Yamagata, augmentada pelo fulgor da legenda que o acompanhava, cobria com a sua formidavel sombra toda a Mandchuria; e, por fim, as tropas do Japão ditaram á China as condições aviltantes de uma paz vergonhosa... Mas, no interior da China, muitos milhões de homens amarells, de olhos amendoados amortecidos pelas visões do opio, ignoram ainda que todas essas calamidades tenham desabado, n'uma praga cerrada, sobre a terra sua... Oh! felizes! felizes os ignorantes!

De uma vez, no interior de Minas, lá muito para dentro, n'uma cidade primitiva, em que os intendentes municipaes, em dias de festa, ainda convergam pesadas casacas verdes com botões grossos de latão, encontrei um homem sereno, de doce figura e de calmo viver patriarchal, que me deu hospitalidade, recebendo-me, como Abrahão, á porta da sua casa rustica, e lançando-me gravemente a sua bênção, com um gesto largo e nobre da mão espalmada no ar. Por esse tempo, a revolta custoliana enchia esta adorada cidade de S. Sebastião de uma nuvem de balas koropachek e de uma nuvem de policias secretas: e eu andava, pelas serras liberrimas, procurando tambem gozar um pouco da divina e suave ignorancia, a que a Igreja promette a bemaventurança do reino do céu.

E posto á mesa em companhia do meu hospedeiro, diante do prato de parro tosco em que as couves e os feijões fumegavam, na sala humilde, dentro do grande silencio d'aquella roça apartada, comecei logo a sentir que a Igreja não

mente, porque, sem pensar no que longe d'alli se passava, uma paz ineffavel, mais do que da terra, me inundou o coração.

De repente, estrepitou á portada o tropel de um cavallo. Era mais um viajante que pedia hospedagem. Reconhecendo logo, sob aquelle guarda-pó espalhafatoso, um caixeiro-viajante. Entrou, abancou-se, e desatou a comer e a fallar, com uma grande abundancia de queixos e uma notavel pobreza de senso. Disse que a esquadra revoltada ia bombardear o Rio... chegava de lá... aquillo estava um horror!... O nosso hospedeiro abria para o homem uns olhos dilatados e pavidos; a sua longa barba patriarchal tremia, como sacudida por um vento de espanto. E, não se podendo conter, perguntou:

— Mas, então, querem botar abaixo o nosso imperador? O cometa teve uma risada escarninha: « — Qual imperador, homem! ha mais de quatro annos que não temos d'isso por lá! »

O patriarcha gemeu: « Não temos mais imperador!... » e ficou acabrunhado, chato, como se sobre elle o tecto hou esse desabado com vigamentos e tudo.

O' doce! ó soberana! ó sempre virgem ignorancia! Que me custava, a mim, que sou da mesma carne e dos mesmos ossos que formavam o corpo de Santo Antão, ir para o recolhimento de uma Thebaida qualquer mergulhar a alma, cançada de tantos boatos e de tantas intrigas, na fonte pura de um esquecimento perpétuo!...

Vede bem se ha tormento igual a este, ó almas ingenuas, que já escaes no Reino do Senhor, e que, lá de cima, entornaes olhares desdenhosos para o que de miseravel se agita, neste valle de complicações!...

A gente vive por aqui a esperar de hora em hora um estado de sitio, uma guerra, um *krak*.

Na camara, já se clamou em altos brados que é preciso fazer a guerra não sei bem a quem. A guerra!... que dirás tu d'essa opinião, no dia em que os clarins chamarem a postos todos os filhos d'esta patria, no dia em que me vires de Comblain á tiracollo e lyra dependurada na casuarina que fica em frente á nossa casa, prompto a ir derramar o meu rico sangue por um paradoxo — que dirás tu, doceamada, cujos olhos quebrados de amor não podem passar sem os meus beijos, cujos ouvidos avidos de louvores, não podem passar sem os meus versos?!... A guerra! o cambio a 0, a libra a 240\$000! E ter de ouvir tudo isso, e, — entre dois abraços e entre dois gemidos, á noite, á hora — em que mais doces se trocam as confidencias de amor, — tremer, julgando já ouvir á porta o bater imperioso da patrulha do recrutamento!...

Oh! não ignorar que todas essas cousas andam no ar, vel-as, cheiral-as, palpal-as, e ter de vir para a rua do Ouvidor com uma grande rosa no peito e uma grande indiferença no rosto, e um ar de quem acha que tudo vae muito bem...

Porque não nascemos nós no interior da China, amada minha?! Eu plantaria arroz e tu bordarias paraventos fantasticos; e, á noite, á meia luz de uma lanterna maravilhosa em que disformes dragões e passaros disformes se cruzassem, dormiríamos tranquillos, nos braços um do outro, sonhando!...

Emfim, como não ha outro remedio, amemo-nos assim mesmo! Vamos! um beijo para começar! que valem boatos? outro beijo! que importa a guerra? outro beijo! que temos nós com tudo isso? outro beijo!... outro beijo! Pois que essa guerra ahi vem, deixa-me fazer provisão de beijos para a campanha, enquanto os outros fazem provisão de coragem e de cartuchos!...

FANTASIO.



Estou aqui, estou a commungar na mesa do reverendo Padre Erico, o sacerdote magno do divorcio. Não que me torne apostolo d'essa ideia.... mas vou commungar com elle na questão do cambio.

Cambio é preocupação de formiga, e, se Lulú collabora na *Cigarra*, Lulú tem de cantar e mandar ao diabo o mealhinho das economias.

Que venha para cá o Sr. Ennes de Souza com o seu *vintem poupado vintem ganho*. Que tenho eu com isso, eu, collaborador da *Cigarra*? Creio que o conselho foi seguido por todas as formigas d'esta terra, pois que vintem é cousa que já se não vê. Quem desse hoje um vintem a um pobre, correria o risco de levar com elle na cara. Um vintem! o que quer a caridade que um pobre faça com um vintem?! Até das contas da venda o vintem sumiu-se. Tudo se faz agora pelo menos aos tostões.

E no andar em que vão as cousas, o nickel está ahí está a sumir-se também, porque, no fim, o nickel sempre vale alguma cousa.

Será então o reino da nota de cinco tostões.

Que importa que o cambio vá a zero?— disse Sr. Erico na camara.

Pois o publico não percebeu que o illustre deputado disse isso depois que appareceu *A Cigarra*? e que a sua doutrina já é effeito da nossa propaganda? Com tal mestre, toda a camara vae cantar; e quando, lá mais para diante, o Sr. Rodrigues Alves fôr bater á porta do Judeu dos Reis, que neste fim de seculo é o successor do Rei dos Judeus, o banqueiro londrino perguntar-lhe-á:

— O que fez o Congresso brasileiro n'esta ultima sessão?

— O Congresso cantou o hymno do Sr. Castilhos...

— Ah! cantou? pois danse agora! mas não conte commigo para pagar a musica...



Aperte

Abre este parenthesis no teu riso, *Cigarra*!

Qual de vós, num desses raros momentos em que um homem se pôde considerar intensamente e completamente feliz, já não desejou morrer, no proprio instante em que a felicidade attinge o seu grão maximo de intensidade? Morrer suffocado pela alegria, estrangulado pela ventura, fulminado de prazer! O Rio de Janeiro assistiu, na semana passada a uma dessas mortes deliciosas.

Carmo Gentil, que longos mezes penára na Detenção, foi levado ao Jury. Ahí, ouviu elle, do banco dos réos, desenrolarem-se a accusação e a defeza: viu-se acabrunhado por um promotor, exalçado por um defensor, alternativamente descomposto e louvado. Por fim, o conselho deliberou: E o presidente declarou-o absolvido por unanimidade, limpo de toda a culpa. Metteram-no de novo no carro, e levaram-no de novo á Detenção, e deram-lhe a sua roupa, e apontaram-lhe a porta da rua. Elle, á porta da casa maldita, deixou-se cahir sobre um banco, estatelado. Um guarda impaciente veio sacudil-o: «—Então? pôde ir embora! está livre!..» Carmo Gentil vacillou sobre o banco, e cahiu no chão, sem movimento, morto.

Oh! morrer num desses raros momentos em que o homem se pôde considerar intensamente e completamente feliz!...



Tenho ido ao senado. Tenho ido á camara. Acreditem que não vou lá, porque me interessem altamente as scenas asperas de que essas duas casas de parlamento têm sido theatro, nem porque haja muito cousa a aprender na explanação das doutrinas ou na elegancia de phrase dos illustres Paes da Patria. Aquillo tudo não passa ainda de um ensaio geral. Oradores novatos experimentam as armas, terçando-as no vacuo, preparando-se para o ataque. Oradores já experimentados matam a saudade da tribuna, saudade que os agoniou longo tempo na melancolia do ostracismo ou na amargura do xadrez. No Lyrico, os frequentadores das torrinhãs que chegam cedo de mais ao theatro, quando a sala ainda escura e vazia tem uma penumbra e uma resonancia de templo, ouvem, ás vezes, por traz do panno abaixado, escalas isoladamente trinadas, dós de peito espaçados, tosses pigarreadas com que os cantores desembaraçam a garganta; depois, do bojo de um violino sae um grito fino; um *basso* solta um suspiro cavo; um flautim deixa fugir uma serie de guinchos; —e peitos de metal de instrumentos e peitos espartilhados de cantoras se ensaiam todos, dando á sala uma animação, que não é ainda a animação do espectáculo, mas que já faz um barulho notavel.

E' o que se está dando na camara e no senado. Os jornaes, é verdade começam a tomar a serio as discussões. Que tolice! Pensam que o discurso do deputado X. foi pensado, medido, preparado de vespera?— não ha tal! aquillo foi uma clarimeta que se desintupi. Pensam que a oração do deputado Y. foi dita com a consciencia do cantor que vê a saia cheia, a comel-o com os olhos? não ha tal! aquillo foi um tenor que gartanteou nos bastidores.

Por isso, tenho ido á camara, não para ouvir, mas para vêr. Sento-me allí, feliz na digestão do almoço, e, não tendo mais que fazer, ponho-me a pensar que sou o sr. Arthur Rios, e projecto varias reformas para a organização material e moral da assembléa. Porque estou convencidissimo, por exemplo, de que aquelle systema de bancadas não está de accordo com as necessidades do nosso temperamento meridional. As bancadas são apertadas: um deputado não sae nem entra sem se atralhar nas pernas dos vizinhos. Porque não se acaba com tamanha atropellação? A prova de que os representantes da Soberania Nacional não amam aquillo, é que quasi sempre as bancadas estão vazias: todos se agglomeram junto á mesa do presidente, como consumidores junto ao balcão de uma confeitaria; depois, saem para a sala dos chapéus, vão

N^o uma noite fria e escura
 jogavam junto à lareira
 uma bisquinha caseira
 o prior e o padre evra.

Mas visto veio a Sobrinha
 do prior a perguntar
 se queriam para ceiar,
 o lombo assado ou galinha.

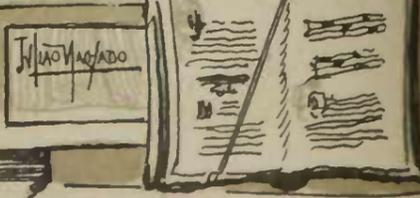
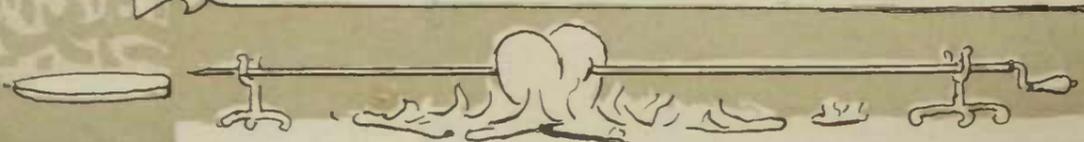
O evra por desfastio
 e tambem por manha antiga
 quiz ver como era o feitio
 da perna da rapariga

Mas o prior que percebeu
 a grave inconveniencia
 disse: tenha paciencia -
 quem triumpho agora, sou eu!

SANCTES DA GAMA.

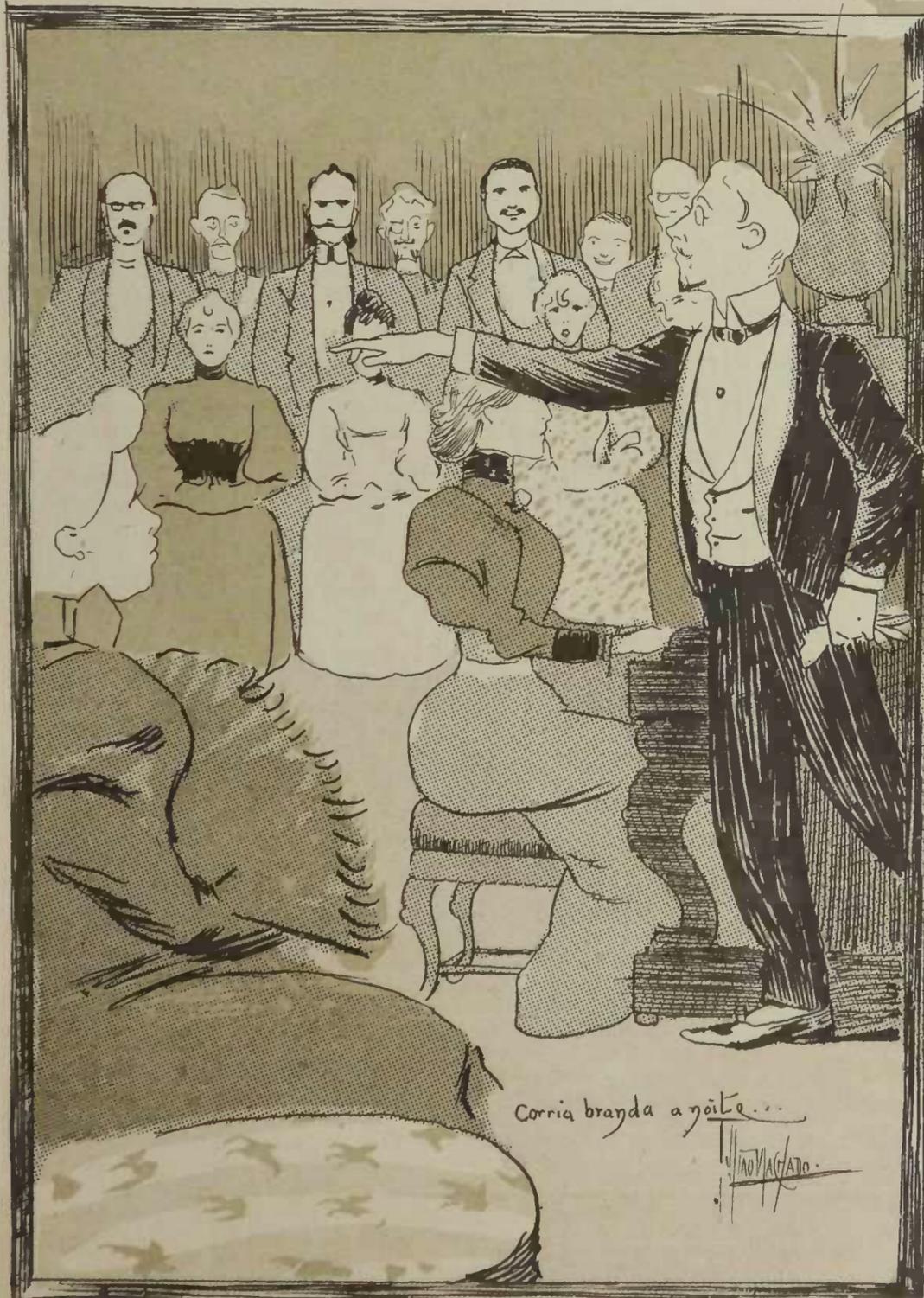
NOTA

ALEGRIA



Quero cumprir o meu dever saudando o sr. Thomaz Ribeiro, desejando-lhe as boas vindas, publicando o seu retrato e prestando assim homenagem ao estimável homem de letras, em boa hora escolhido pelo governo portuguez para o representar no Brasil.

Além disso devo - porque esse acontecimento é a nota da semana - registrar as festas com que o illustre diplomata está sendo acolhido. Em mais de um piano, as melopéas chorosas dos recitativos, ha tanto tempo adormecidos no olvido, resurgem, arrastando languidamente pelas téclas azas de gaze e neve, abeberadas de mel. Os poetas de sociedade, saltam já com uma elegancia lyrica para o meio da sala, fitam no tecto os olhos scismadores, dão aos labios um sorriso melancolico, e, entre as senhoras que se extasiam e os homens que põem sobre a orelha a mão em concha, começam:



Corria branda a noite...

W. V. AGUIAR

• Corria branda a noite.. o Tejo era sereno
A aragem mandou-me um beijo
Que nos meus labios tomei...

Isso é uma calamidade, bem sei. As cigarras não são românticas: o seu grito estridente é antes um toque de clarim que um suspiro de cythara. Não amo trinados piegas: filha das matas, amo o alto rumor da natureza, rajadas de vento que estrondam entre arvores fortes, cachoeiras selvagens que povoam de echos as serras. Mas é mesmo por isso que amo o poeta do D. Jayme. O sr. Thomaz Ribeiro não tem culpa de que lhe profanem os versos com acompanhamentos de piano. A sua musa, nobre e canóra, possui, quando quer, a envergadura das aguias. Se ás vezes celebra os olhos quebrados das mocinhas lisboetas, já disse em versos de largo folego o estridor das batalhas, e, de corda de carvalho á frente, já, como o divino Aédo dos *Luziadas*, cantou a glória da sua terra e da sua gente.

Bem vindo seja o poeta! sobre a sua frente respeitavel, deixo cahir um dos meus beijos mais sinceros.

A Cigarra.

ao buffet, voltam, tornam a sahir. Quando tem de haver alguma votação, os tympanos clamam em vão; em vão o presidente clama e se esbofa; e em vão o amavel sr. Coelho Lisboa, com uma grande tira de papel á mão, recita a lista interminavel cinco, seis vezes, repetindo e repisando cada nome...

Eu, se fosse o sr. Arthur Rios, daria um golpe nos costumes parlamentares: mandaria desmanchar as bancadas, e daria á sala o aspecto gracioso e fresco de uma sala de palestra. A mesa presidencial ficaria ao centro. Em torno d'ella, pequeninas mezas — em que os deputados pudessem tomar o seu café, as suas notas e mesmo o seu cópo de leite ou o seu grog, — se agrupariam, como mesas de botequim.

Os oradores fallariam de pé ou sentados, sem chapéo ou com chapéo na cabeça, á vontade, como conversam quando estão cá fóra, pois, para salvar a patria da bancarrota ou da guerra civil, não é preciso que um homem se ponha solemnemente de pé, com a sobrecasaca abotoada e o braço estendido, como o amigo Dias Braga quando representa a alta comedia, dando á voz inflexões forçadas e forçadas posições á cabeça. Pois o cerebro de um homem sentado trabalha com menos clareza do que o cerebro de um homem levantado? que é que tem o... cerebro com as cadeiras?

Essa modificação material da assembléa traria consigo uma modificação moral de grande vantagem: suprimiria a parolagem. Um homem que diz a sua opinião entre dois goles de café, com a bengalla na axilla e a cartola na cabeça, não escolhe adjectivos, não recapitula *in mente*, antes de soltar no ar como uma revoada canora o seu periodo, a s lições todas que um professor futil lhe impingiu na aula de rhetorica e poetica.

Um deputado castilista, fallando com essa sem cerimonia, diria seccamente, quando quizesse descompôr o federalismo: «Gumercindo era um bandido!» e mais nada. Mas fallando de pé, com a frente banhada de clarões e a voz palpitante de tremitos, leva meia hora a dizer essa injuria. Um federalista diria em tres palavras: «Quero a paz!» em vez de transportar para a enunciação d'essa vontade tão natural, tão simples, todos os exemplós de historia que a collecção *Larousse* póde fornecer a um moço de memoria fresca.

Ah! se eu fosse o sr. Arthur Rios!

Emfim, Deus sabe o que faz. Pode ser que, se os deputados tallassem, discutissem e deliberassem sobre os orçamentos da nação com a mesma naturalidade com que um bom pae de familia discute, delibera e falla sobre o orçamento domestico, é provavel que o povo se convencesse de que isso não era trabalho merecedor de um pagamento de 75\$000 por dia.

E isso seria uma calamidade, porque eu, que aqui estou, apezar d'estes grandes ares de desinteresse e de independencia, ainda não perdi a esperança de ser deputado. Mais vale ser criticado á razão de setenta e cinco mil réis por dia do que criticar á razão de... Perdão! não quero dizer quanto *A Cigarra* me paga por estas luminosissimas sandices!

L. F.



Sómente no proximo numero (n. 4), poderá dar *A Cigarra* a promettida pagina *Psychologia das botas*. A grande cópia de assumptos de actualidade forçou a honesta *Cigarra* a não cumprir a sua promessa. Mas ninguem perde por esperar o que é bom.

Marques Guimarães (Joaquim Augusto Marques Guimarães) cujo retrato dará no proximo numero *A Cigarra*, está ha pouco tempo no Rio de Janeiro. E' um dos mais illustres artistas da moderna geração portugueza. O catalogo dos seus quadros já é grande, — e o artista conta apenas 36 annos de idade. Antigo alumno da Academia de Bellas Artes do Porto, comos cursos de Pintura, Esculptura e Architectura Civil, foi premiado com diploma de distincção em todos os cinco annos de cada um desses cursos, e obteve todos os premios honorificos e pecuniarios da Academia.

Foi discipulo do estatuario Soares dos Reis. Logo no dia immediato ao do fallecimento desse professor, substituiu-o na regencia da aula de esculptura.

Trabalhou em collaboração com esse estatuario na estatua de Affonso Henriques. Muitos dos seus trabalhos de esculptura para a Bolsa do Commercio de Lisboa e outros edificios mereceram medalhas em diversas exposições artisticas. Encheria grande espaço a enumeração de todos os seus quadros: para apenas citar os mais notaveis, entre telas historicas, de genero, paysagens e retratos, são dignos de admiração — *Christo no Tumulo*, *A partida de Vasco da Gama para a India*, *A tragedia do Calvario* (premio da Academia), *A medição do vinho novo*, *Passagem de Comboio*, etc.

Theatros.

A primeira representação dos *Pontos nos ii* com os seus pequenos tumultos provocados pela orientação politica da peça, veio mais uma vez provar que não ha, no theatro, genero mais absurdo que o das revistas.

Não se concebe como póde um escriptor fazer litteratura com a historia de seu tempo, com os factos da vespera, sem mostrar a sua opinião: isto é, — sem se arriscar a merecer a pateada de metade da platéa para merecer os applausos da outra metade. No Rio de Janeiro é raro o homem de letras que não é jornalista: isso explica-se pelo facto de ser a litteratura de jornal muito mais rendosa que a litteratura de livro. Como jornalista, o homem de letras não póde evitar a politica, n'um tempo em que toda a população, incluindo os carregadores e as creanças de mama, tem paixão partidaria. E o fazedor de revistas de anno, tendo de historiar no theatro acontecimentos, em que, como jornalista, foi obrido a ter uma opinião e a representar um papel, — ha de forçosamente subordinar a essa opinião a critica dos factos que historia: Assim, o jornalista X., que foi floriano durante a revolta, fabrica fatalmente uma revista que é a apothese do florianismo: e o jornalista Z., que teve sympathias pelos revoltosos, se não faz francamente a apothese da setembrada, nem por isso deixa de carregar a mão na caricatura dos adversarios.

Mas, o público, quando, á noite, compra a sua cadeira ou o seu camarote, não o faz com a mesma intenção com que de manhã compra uma gazeta politica. O público vai ao theatro para se divertir e não para saber a opinião partidaria do revistographo. Mais ainda: o publico apenas quer ouvir musica jovial, ver pernas de bailarinas, admirar scenographias de luxo e dilatar o baço e a alma, rindo e folgando.

Que importa ao publico que os typos que entram na peça sejam ou não sejam conhecidos seus? Absolutamente nada.

Querem a prova disso? Aqui a têm: ainda não houve revista fluminense que obtivesse o ruidoso successo do *Tim-tim* ou da *Gran-Via*, duas tolas revistas europeas inteiramente extranhas á vida carioca.

A actualidade do enredo não entra, pois, com um grande contingente para o exito da revista. E, sendo assim, o escriptor que na sua peça faz politica, manifestando-se com parcialidade sobre luctas, cuja recordação perdura e cujas feridas sangram ainda, — lança mão, para captar o applauso publico, de um expediente imprófico, que, quando mais não faça, estraga a noite de metade da platéa, reavivando-lhe magoas e odios adormecidos, irritando-a, e obrigando-a a arrepende-se de ter pago tão caro um desgosto.

Com todos os diabos! abaixo a politica no theatro! Pois já não basta que a tenhamos em tudo mais, na rua, em casa, no jornal, no livro, no botequim, no bonde? Arre!

Puck.



19 de MAIO de 1895

[Handwritten signature and illegible text]

A POESIA NA CAMARA



O deputado Erico recitou á Camara versos de Thomaz Ribeiro. Felizmente para a Camara porque S. Ex. podia ter-lhe recitado versos seus.